

37º Encontro Anual da ANPOCS

Seminário Técnico 18 – Trabalho e ação sindical na Sociedade Contemporânea.

**O trabalho no setor de beneficiamento do arroz no Rio Grande do Sul:
evolução e desigualdades recentes**

Pedro Robertt

Universidade Federal de Pelotas

Águas de Lindóia, SP - Hotel Monte Real

23 a 27 de setembro de 2013

Apresentação

Esta comunicação descreve alguns aspectos da realidade do trabalho na indústria de beneficiamento do setor do arroz, no estado do Rio Grande do Sul¹. Nosso interesse é mostrar quais são as tendências do mercado de trabalho no setor de beneficiamento do arroz, o qual têm passado nas últimas décadas por fortes transformações econômicas, produtivas e tecnológicas semelhantes às ocorridas em outros setores da economia brasileira.

No contexto internacional, o Brasil é o maior produtor de arroz entre os países não asiáticos. Cabe ressaltar que o arroz é uma *commodity*, constatando-se ano a ano uma forte concorrência entre os países produtores procurando tornar-se *players* globais, em um mercado, em princípio, de um produto com baixo valor agregado. No Brasil, o estado do Rio Grande do Sul, é o maior produtor de arroz, ocupando ano a ano a primeira posição entre as entidades da federação.

Em uma primeira aproximação pode-se afirmar que o setor de beneficiamento do arroz apresenta, nas últimas duas décadas, características recorrentes em outras áreas da economia brasileira, tais como inserção no processo mais amplo de globalização econômica, influência decisiva das políticas de abertura comercial e de desregulamentação dos mercados, mobilidade e concentração industrial e fortes mudanças tecnológicas.

Esta exposição está dividida em três seções. Na primeira, abordam-se as características gerais do setor do arroz no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul bem como as principais transformações técnicas, que tem passado o setor nas últimas décadas. Na segunda seção analisa-se a realidade do trabalho no setor de beneficiamento do arroz, particularmente dos trabalhadores do setor de produção. Esta seção está dividida em três partes: evolução geral do setor; diferenciações em termos de rendimentos salariais e análise das características dos novos contingentes de trabalhadores que ingressam no setor em relação aos mais velhos. Uma terceira seção é de considerações finais.

¹Ela é produto do projeto de pesquisa “Transformações no mercado do trabalho de arroz no Rio Grande do Sul no período 1991-2010”, financiado pelo CNPq. Têm colaborado com esta pesquisa Tiago Puccini, bolsista voluntário de iniciação científica e Fernando Freitas (mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da UFPel).

O trabalho tem como uma fonte principal de informação a base de dados da Rais, do Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho do Ministério de Trabalho e Emprego, no período 2003-2011².

1. O setor do arroz no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul

O Brasil ocupa uma posição de destaque na produção de arroz em nível global. Dados para 2008 indicam que o Brasil era o nono país no mundo em produção de arroz, sendo o primeiro no Ocidente atrás dos principais produtores que são os países asiáticos (Tabela 1). O país apresentou nas últimas décadas um significativo crescimento da produtividade, o que lhe permitiu tornar-se autosuficiente na produção de arroz, chegando, no período 2011/2012, a produzir 11,9 milhões de toneladas (CONAB, 2013).

Tabela 1 - Principais produtores de arroz no mundo (2008)		
Posição	País	Produção*
1	China	193,4
2	Índia	148,8
3	Indonésia	60,3
4	Bangladesh	46,7
5	Vietnã	38,7
6	Tailândia	31,7
7	Myanmar	32,6
8	Filipinas	16,8
9	Brasil	12,1
10	Japão	11,0
11	Paquistão	10,4
12	Estados Unidos de América	9,2

Fonte: FAO (2008). *Em milhões de toneladas.

² Embora estejamos trabalhando com dados de um período mais longo (1991-2011), escolhemos a série de anos 2003-2011 porque no primeiro ano, desta última série, foi alterada a definição dos trabalhadores de produção. Nesse sentido, os anos anteriores poderiam não ser comparáveis com os de 2003 em diante.

Como pode constatar-se na tabela 2, o Rio Grande do Sul é o maior produtor de arroz no Brasil, mantendo inclusive uma crescente distância com o restante das regiões. Em 2010, o estado gaúcho chegou a elaborar 62,8% % da produção de arroz de todo o país, enquanto que Santa Catarina ocupava o segundo lugar com 9,1% do total (Tabela 2).

Em vinte anos, a produção do arroz no estado do Rio Grande do Sul teve um aumento constante, passando do 43% em 1990 a 62,8% em 2013 (Tabela 2). Miranda et al (2007) já assinalavam que na segunda metade, da década de 2000, esse estado já produzia mais da metade do arroz em todo o país.

Tabela 2 - Principais estados brasileiros na produção de arroz em casca					
	1990	1995	2000	2005	2010
	(%)	(%)	(%)	(%)	%
Pará	2,0	3,0	3,0	4,8	2,3
Maranhão	6,3	8,5	8,5	5,1	4,4
Santa Catarina	7,6	6,3	6,3	8,0	9,1
Mato Grosso	5,7	6,8	6,8	17,2	6,4
Rio Grande do Sul	43,0	44,9	44,9	46,3	62,8
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Elaboração do autor a partir de Miranda et al (2007) e da Conab (2013).

De modo semelhante à economia brasileira em seu conjunto, o segmento do arroz, e particularmente o setor industrial, tem sido afetado pelos processos de abertura comercial, de desregulamentação do mercado e de estabilização econômica, desde os anos noventa do século passado. Além disso, o processo de integração regional, concretizado no Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), tem trazido aumento das importações, particularmente, desde o Uruguai e a Argentina, devido à diminuição de barreiras tarifárias.

Como resultado das mudanças indicadas, processos de fusões, de aquisições³ e de concentração industrial vêm ocorrendo no setor (AYRES et al, 2010; MIRITZ, 2007), determinados pela necessidade das empresas de se posicionarem melhor no mercado global e local. Na tabela 3 pode ser observada a tendência de concentração industrial do setor nos últimos anos, a partir da diminuição do número de indústrias em funcionamento. O número de engenhos de arroz passou de 421 em 1997 para 243 em 2006. Dito de outro modo, considerando o ano 1997 como base 100, em 2006 o valor era de 58 (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de Indústrias de Arroz no Rio Grande do Sul (1997-2006)		
Ano	Número de Indústrias	Base 100= 1997
1997	421	100
1998	373	89
1999	364	87
2000	351	83
2001	341	81
2002	320	76
2003	282	67
2004	280	67
2005	267	63
2006	243	58

Fonte: IRGA. Stefáno (2009).

Vários autores constataram que esse processo de concentração industrial traduzia-se numa maior fatia de mercado para algumas empresas. Assim, conforme Ludwig (2004), as dez principais empresas de Rio Grande do Sul participaram, em 1993, 1996 e 2002 respectivamente com 31%, 39% e 45,3% do total do arroz beneficiado do estado. Por sua vez, Miritz (2007) constatou que, entre 2002 e 2005, as vinte principais empresas

³ Esse processo implica também em alguns casos a internacionalização das empresas. A Camil, por exemplo, principal beneficiadora de arroz no estado do Rio Grande do Sul, tem adquirido ativos industriais na Argentina, Uruguai, Chile, Perú, desde 2007 (CAMIL..., 2013).

eram responsáveis pelo beneficiamento de mais de 60% do total produzido no Rio Grande do Sul.

As dificuldades de inserção no mercado global e local do arroz têm levado a que algumas grandes empresas de beneficiamento do produto desenhem estratégias de diversificação produtiva. Embora esse processo não seja generalizado, algumas dessas empresas começaram a trabalhar recentemente com derivados de arroz ou com outros produtos. (ROBERTT, 2010).

Com o objetivo de se manter competitivo, o setor de beneficiamento do arroz apresenta, no início do século XXI, intensificação da automação e incorporação de tecnologias com base informacional. Lisboa et al (2009) indicam que empresas de beneficiamento são submetidas a fortes mudanças técnicas como forma de garantir seu lugar diante dos concorrentes. As empresas líderes seriam, aliás, as principais responsáveis pela evolução tecnológica ocorrida nos últimos anos, caracterizando um ambiente de “isomorfismo mimético” em que umas puxam as outras.

A digitalização de máquinas seletoras de arroz, em uma empresa estudada por Lisboa et al. (2009), expressa a passagem de processos produtivos mais mecânicos para mais automatizados. Investimentos em tecnologia nos silos também verificaram-se na empresa estudada por esses autores, de modo a aumentar a capacidade de armazenagem, e nos “tombadores”, os quais permitem reduzir tempos de descargas dos caminhões. Lisboa et al. (2009) destacam, neste aspecto a tecnologia incorporada aos produtos e ao processo, a informatização da empresa e a técnica de rastreabilidade dos produtos fabricados.

Ludwig (2004) também registrou, em estudo com várias empresas do setor de beneficiamento do arroz, que a ampla maioria perseguia estratégias de modernização tecnológica; os equipamentos tinham, em geral, uma idade média de até cinco anos; e todas tinham planos de estratégias tecnológicas, constatando-se investimentos em renovação de máquinas e equipamentos, ampliação de plantas produtivas, automatização de algumas etapas do processo e investimentos em software de gestão avançada.

Finamore e Montoya (2005) chamaram atenção para o fato de que a modernização tecnológica não abrangeria a todas as empresas de beneficiamento de

arroz, do estado de Rio Grande do Sul. Conforme esses autores, convivem juntos processos modernos que incluem seleção eletrônica, padronização e ensacamento final com destino às redes de comercialização e maneiras mais simples e tradicionais de produção industrial. Miranda et al (2007), por sua vez, notaram que se as grandes indústrias de beneficiamento do arroz incorporam alta tecnologia, esse processo também pode ser verificado em empresas de tamanho médio, especialmente nos processos de classificação e embalagem do arroz beneficiado. Por fim, Miritz (2007) com base em Giordano e Spers (1998), notou que junto com um processo de concentração industrial, ao que já aludimos, havia nas empresas desse setor “alta tecnologia em máquinas de alta eficiência e alta escala de produção”. Essa breve passagem pela literatura que trata da inovação tecnológica, no setor arroseiro industrial, indica que o mesmo vem passando por grandes transformações, principalmente, desde início do século XXI.

A partir das transformações estruturais e técnicas nos perguntamos qual é a realidade do trabalho nesse setor industrial, particularmente dos trabalhadores do setor de produção. Especificamente uma questão que nos colocamos, ao iniciar a pesquisa, era a da realidade do mercado de trabalho nesse setor dadas as transformações econômicas, produtivas e tecnológicas semelhantes às ocorridas em outros setores.

2. Evolução e desigualdades recentes

Nesta seção analisa-se a evolução geral do mercado de trabalho de beneficiamento do arroz, as desigualdades salariais de acordo com as categorias de trabalhadores e as diferenças destes em termos de instabilidade no emprego.

2.1 Evolução dos trabalhadores no setor de beneficiamento do arroz do Rio Grande do Sul (2003-2011)

Nesta seção apresentam-se os resultados que surgem da análise do mercado de trabalho na indústria de beneficiamento do arroz, no estado do Rio Grande do Sul. O modelo de análise comporta as seguintes variáveis: evolução anual no número de

trabalhadores de produção, grau de estabilidade, sexo, idade, escolaridade, faixa etária, rendimentos salariais, número de horas contratadas e tempo de emprego. Além de fazer análises unidimensionais foram feitos cruzamentos entre variáveis.

Uma primeira questão observada ao analisar o mercado de trabalho, no setor industrial do arroz, é a evolução no número dos trabalhadores do setor de produção. Na série de anos, entre 2003 e 2011, tem-se verificado um crescimento importante no número de trabalhadores, passando de poucos mais de 5500 a mais de 9500, como pode notar-se na primeira coluna da tabela 4. Isso representa um aumento de mais de 70% em quase uma década.

Tabela 4 – Trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz segundo o grau de estabilidade no emprego (2003-2011)					
Tipos de trabalhadores					
Ano	Total de trabalhadores de produção	Trabalhadores estáveis da produção*	Trabalhadores instáveis de produção**	% de trabalhadores estáveis da produção	% de trabalhadores instáveis da produção
2003	5553	3820	1733	68,8	31,2
2004	6182	4112	2070	66,5	33,5
2005	6260	4304	1956	68,8	31,2
2006	6716	4591	2125	68,4	31,6
2007	7023	4509	2514	64,2	35,8
2008	7779	4618	3161	59,4	40,6
2009	8386	5166	3220	61,6	38,4
2010	8314	5234	3080	62,9	37,1
2011	9574	5523	4051	57,7	42,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET. *Contratados há mais de um ano. ** Contratados no ano de referência⁴.

Contudo, esse crescimento precisa ser avaliado com cuidado, pois inclui os trabalhadores que foram contratados no ano de referência e os que o foram em anos anteriores. Considerando só os trabalhadores estáveis (contratados há mais de um ano) o aumento é menor, passando de 3820 em 2003 a 5523 em 2011, o que representa um

⁴ A variável utilizada é tipo de admissão. De um lado estão os trabalhadores que foram contratados no ano de referência e de outro os que foram contratados nos anos anteriores. Na medida que os primeiros crescem ano após ano, esta variável pode ser considerada um indicador de instabilidade no emprego.

44,6%. Em contrapartida, os trabalhadores que foram contratados no mesmo ano, pela indústria, passaram de 1733 a 4051, o que representa 133,8% de crescimento.

Em 2003 68,8% dos trabalhadores tinham sido contratados fazia mais de um ano contra 31,2% no mesmo ano. Já em 2011, último ano da série, o percentual dos primeiros era de 57,7% e os dos últimos era de 42,3%. Isso seria um forte indicador de aumento da instabilidade do trabalho no setor de beneficiamento do arroz no estado do Rio Grande do Sul.

Pode se afirmar que o crescimento que houve nessa indústria, nos últimos anos, não foi acompanhado de relações mais virtuosas de empregabilidade. Pelo contrário o que se verifica é a contratação de trabalhadores, principalmente, em situação mais precária de emprego. Ser trabalhador hoje na indústria de beneficiamento do arroz, no Rio Grande do Sul, aumenta as probabilidades de instabilidade no emprego.

A seguir analisa-se a evolução de algumas variáveis no período em análise. Em relação à composição por sexos, trata-se de uma indústria fortemente masculinizada. Apesar de que, no período analisado, houve uma mudança nos percentuais relativos de homens e mulheres (a favor das últimas), os primeiros representam em todos os anos da série mais de 95% dos trabalhadores contratados no setor de produção.

Tabela 5 – Trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz segundo o sexo (2003-2011)

Ano	Sexo	
	Masculino	Feminino
2003	98,7	1,3
2004	98,7	1,3
2005	98,6	1,4
2006	98,5	1,5
2007	98,6	1,4
2008	98,1	1,9
2009	97,9	2,1
2010	97,5	2,5
2011	96,8	3,2

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Chama atenção o alto percentual de homens, considerando que nos dias atuais não pode ser alegado, por exemplo, que capacidades físicas estariam por trás da escolha de trabalhadores do sexo masculino, já que as tecnologias digitais e informacionais e a robótica têm retirado do trabalho o ser caráter mais pesado. Características culturais parecem estar por trás da forte masculinização da indústria de beneficiamento do arroz⁵.

Variáveis como idade e escolaridade e mostram uma inflexão importante no período em análise. A força de trabalho da indústria de beneficiamento do arroz é cada vez mais jovem e mais escolarizada. Em relação à idade, constata-se um aumento dos trabalhadores mais jovens e uma diminuição das faixas intermédias. Os trabalhadores entre 15 e 29 anos passaram de representar 33,1%, no início da série de anos analisada, para atingirem no último ano 40,1%. Aqueles que têm entre 30 e 49 anos caíram, praticamente de forma regular ano após ano, na série analisada. Representavam 55,2% dos trabalhadores em 2003 e caíram para 48,6% em 2011. Os trabalhadores mais velhos, de 50 e mais anos, mantêm certa regularidade em torno do 12% (Tabela 6).

⁵ Em entrevista com representante sindical do sindicato da indústria de alimentação da cidade de Pelotas, obtivemos o seguinte depoimento: “É como eu te disse, existe uma cultura que antes era um serviço pesado, sujo, pesado, fábrica, barulho, poeira, sujo, pesado, mas principalmente pesado. Há uns anos atrás era assim [predominantemente masculino] e começou a ficar e vem até hoje. Normalmente dentro de uma fábrica é só pra homem, e se tu vai colocar uma mulher já fica chato. Pega cinco seis homens para uma mulher sempre fazendo a mesma coisa, né?. Existe uma cultura...” (Projeto de Pesquisa: “A cadeia produtiva no segmento do arroz no Rio Grande do Sul”. Coordenador: Pedro Robertt. Abril de 2013).

Tabela 6 – Trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz segundo faixa de idade (2003-2011)

Ano	Faixas de idade		
	15-29	30-49	50 e mais
2003	33,1	55,2	11,7
2004	34,4	55,2	10,4
2005	34,9	54,4	10,7
2006	34,1	54,5	11,3
2007	34,2	53,9	11,9
2008	37,1	51,3	11,6
2009	39,0	49,4	11,6
2010	39,3	48,6	12,1
2011	40,1	47,6	12,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

A maioria dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz têm escolaridade baixa. Porém, constatou-se, no período analisado, uma alteração significativa com a diminuição relativa de trabalhadores que possuem até ensino fundamental completo e o aumento concomitante daqueles que possuem escolaridade média, principalmente, completa. Os primeiros passaram de 85,8% para 66,5% no período de análise (praticamente um 20% de diminuição). Os que possuem ensino médio incompleto passaram de 7,2% para 10,9% e os com ensino médio completo mais que triplicaram sua participação, passando de 6,4% para 21,2%. (Tabela 7)

Tabela 7 – Trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz segundo nível de escolaridade (2003-2011)

Ano	Nível de escolaridade			
	Até Ensino Fundamental completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino universitário incompleto e completo
2003	85,8	7,2	6,4	,6
2004	83,5	7,4	8,4	,6
2005	79,5	7,7	12,3	,6
2006	75,8	9,3	14,2	,7
2007	73,8	9,5	15,9	,8
2008	71,4	9,8	17,9	,8
2009	69,7	10,7	18,6	1,0
2010	66,9	10,3	21,6	1,1
2011	66,5	10,9	21,2	1,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Dois fatores explicativos têm sido colocados como decisivos para que o mercado de trabalho formal, em todo o Brasil, apresente hoje maior escolaridade dos trabalhadores: de um lado as exigências feitas pelas empresas de diploma de ensino médio completo; e de outro, as mudanças no nível de escolaridade da população⁶.

O percentual de trabalhadores que ganha até dois salários mínimos aumentou no período estudado, diminuindo concomitantemente o daqueles que ganham mais de dois salários mínimos. Os trabalhadores que ganham até dois salários mínimos passaram de 40% para 61,9%. Os que ganham entre 2 e 4 salários mínimos caíram de 50,8% para 34,4%. Aqueles que percebem entre 4 e 7 salários mínimos diminuíram, também, de 7,3% para 3,3%. Finalmente, a minoria que percebe entre 7 e 10 salários mínimos caiu de 1,9% para 0,4% (Tabela 8).

⁶ Para uma análise mais detalhada desta questão pode ser consultado o artigo de Borges (2010).

Tabela 8 – Trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz segundo rendimentos salariais (2003-2011)

Ano	Faixas de salário mínimo			
	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 7 Salários Mínimos	De 7 a 10 Salários Mínimos
2003	40,0	50,8	7,3	1,9
2004	33,7	57,6	7,5	1,2
2005	37,0	54,2	7,6	1,3
2006	43,8	44,5	8,1	3,7
2007	51,9	43,3	4,3	,6
2008	54,3	41,8	3,3	,5
2009	58,8	37,2	3,5	,5
2010	62,3	33,8	3,3	,5
2011	61,9	34,4	3,3	,4

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Em uma primeira leitura, esses dados indicam uma evolução salarial negativa. Contudo, deve ser ponderado que o salário mínimo aumentou seu poder aquisitivo nos últimos anos, passando de R\$ 240 em abril de 2003 para R\$ 545, em março de 2011, último ano da série estudada (AQUILES, 2011).

Os dados gerais sobre os trabalhadores da indústria de beneficiamento do arroz, no estado do Rio Grande do Sul, assinalam o um aumento importante da força de trabalho, em parte vinculada à maior inserção do Brasil no mercado mundial do arroz e, principalmente, ao papel de destaque que vem tendo o estado do Rio Grande do Sul dentro da federação. Contudo, deve se frisar que cresce ano após ano o percentual de trabalhadores contratados recentemente e diminui, portanto, o daqueles que permanecem mais tempo na indústria. Isso indica que junto com o crescimento no número de trabalhadores também aumenta a sua instabilidade. A força de trabalho contratada é fortemente masculinizada e cada vez mais jovem e mais escolarizada. As mudanças registradas não se refletem imediatamente nos ganhos salariais dos trabalhadores, visto que cresce a faixa de rendimentos de até dois salários mínimos (a menor faixa), apesar de

que deva ser levado em conta o aumento do poder aquisitivo do salário mínimo nos últimos anos.

2.2 Rendimentos salariais segundo categorias de trabalhadores.

Nesta seção, analisam-se os rendimentos salariais dos trabalhadores de acordo com o sexo, a idade, escolaridade, as horas trabalhadas e o tempo de emprego, para o ano 2011. Interessa observar se existem diferenciações entre trabalhadores em termos de seus níveis de renda.

Apesar de ser um setor de baixa presença feminina, precisa ser destacada a forte diferenciação existente nos rendimentos salariais entre ambos sexos. Enquanto, em 2011, pouco mais de 60% dos homens recebiam até dois salários mínimos, no caso das mulheres esse percentual atingia um valor superior a 90%. Entre os homens 35,3% percebiam entre dois e quatro salários mínimos, já entre as mulheres esse percentual chegava a apenas a 7,1%. Percebendo de 4 a mais salários mínimos havia 3,8% dos homens e apenas 1,4% das mulheres (Tabela 9).

Tabela 9 – Rendimentos salariais segundo o Sexo dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz (2011)			
Faixas de salário mínimo			
Sexo	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 7 Salários Mínimos
Masculino	60,9	35,3	3,8
Feminino	91,5	7,1	1,4
Total	61,9	34,4	3,7

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

As mulheres da área de produção, do setor de beneficiamento do arroz, são poucas (como foi notado) e possuem uma condição salarial piorada em relação aos

homens. Isto pode estar relacionado ao fato delas ocuparem postos de menor qualificação em relação aos homens no conjunto da indústria.

Em relação à questão salarial, uma situação semelhante, à encontrada na diferenciação entre os sexos, ocorre entre as categorias de idade. Os mais jovens recebem rendimentos inferiores em relação às categorias de idade mais avançadas. Entre os trabalhadores entre 15 e 29 anos, o 76,7% percebe até dois salários mínimos, já entre os que tem idades entre 30 e 49 anos e 50 e mais anos, esses percentuais caem, respectivamente, para 53,3% e 44,4%. Em contrapartida, só 22,2% dos que têm entre 15 e 29 anos percebem de 2 a 4 salários mínimos, sendo que nas faixas de idades superiores os percentuais são de 41,8 e 47,7%, respectivamente. Rendimentos de mais de 4 salários mínimos encontram-se em 1,2 % dos que possuem entre 15 e 29 anos, e em 4,9% e 8,0% das faixas de idade mais avançadas. É possível que a existência de fortes mercados internos na indústria de beneficiamento do arroz explique o porquê os mais jovens percebem salários, comparativamente, mais baixos aos dos trabalhadores mais velhos⁷ (Tabela 10).

Tabela 10 – Rendimentos salariais segundo a Faixas de idade dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz (2011)

Faixas de salário mínimo			
Faixas de idade	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 10 Salários Mínimos
15-29	76,7	22,2	1,2
30-49	53,3	41,8	4,9
50 e mais anos	44,4	47,7	8,0
Total	61,9	34,4	3,7

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

⁷ Em pesquisa que levamos adiante em uma importante empresa de beneficiamento do arroz, localizada no estado do Rio Grande do Sul, temos comprovado a existência de mercados internos de trabalho, caracterizados pela existência de carreiras que estabelecem diferenças em termos de qualificação e rendimentos salariais. (Projeto de Pesquisa: “A cadeia produtiva no segmento do arroz no Rio Grande do Sul”. Coordenador: Pedro Robertt. Abril de 2013). Este tema foi tratado em Robertt e Freitas (2013)

A escolaridade é um fator de diferenciação dos rendimentos salariais entre os trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz. Essa diferença é significativa quando os trabalhadores adquirem o diploma de ensino médio e quando transitam pela universidade. O 63,6% dos trabalhadores que possuem até ensino fundamental completo e o 66,8% dos que cursaram ensino médio incompleto percebem entre 2 e 6 salários mínimos, contra um 55% dos que possuem ensino médio completo e 44,8% dos que cursaram universidade. Por sua vez, 33,1% e 31,3% dos primeiros dois estratos ganham entre 2 e 4 salários mínimos contra 39,7% e 41,6% dos dois últimos, respectivamente. No extremo superior, 3,2 % e 2,0% dos estratos de menor escolaridade percebem mais de 4 salários mínimos, contra 5,3% e 13,6 dos que tem maiores níveis de escolaridade (Tabela 11). A solicitação hoje de diploma de ensino médio completo para os trabalhadores começa a ser um elemento que diferencia os seus rendimentos salariais. Os trabalhadores que passaram pela universidade, por sua vez são os que relativamente chegam mais às escalas superiores de salários, ocupando pode-se cogitar postos de maior qualificação.

Tabela 11 – Rendimentos salariais segundo nível de escolaridade dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz (2011)			
Faixas de salário mínimo			
Nível de Escolaridade	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 10 Salários Mínimos
Até Ensino Fundamental completo	63,6	33,1	3,2
Ensino médio incompleto	66,8	31,3	2,0
Ensino Médio Completo	55,0	39,7	5,3
Ensino universitário incompleto e completo	44,8	41,6	13,6
Total	61,9	34,4	3,7

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

As horas de trabalho estipuladas no contrato empregador-empregado exercem influência nos rendimentos dos trabalhadores. Assim, 92,1% dos que trabalham até 40 horas ganham até 2 salários mínimos. No outro extremo, 62,3% dos que trabalham de 41

a 44 horas semanais (a imensa maioria dos trabalhadores) percebem essa quantia. Já os trabalhadores com carga horária de trabalho intermédia (de 31 a 40 horas) são os que menos percentualmente ganham até dois salários mínimos. Em contrapartida, 8% dos que têm contratos de trabalho de menor carga horária (30 horas) ganham mais de dois salários mínimos contra 37,8% dos que possuem os contratos mais extensos. Comparativamente, os trabalhadores com carga horária intermédia (31 a 40 horas) são os que ganham mais na faixa de mais de dois salários mínimos, isto é 60,5%. (Tabela 12).

Tabela 12 – Rendimentos salariais segundo o número semanais de horas trabalhadas dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz (2011)

Horas semanais trabalhadas	Faixas de salário mínimo		
	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 10 Salários Mínimos
Até 30 horas	92,1	8,0	0
31 a 40 horas	39,6	56,9	3,6
De 41 a 44 horas	62,3	34,0	3,8
Total	61,9	34,4	3,7

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

A análise dos rendimentos salariais, de acordo com o tempo de emprego, mostra que a permanência na indústria garante efetivamente melhores rendimentos. Assim, 77,3% dos que trabalham na indústria há no máximo um ano ganham até dois salários mínimos, contra 66,8%, 42,2% e 36,7% dos que trabalham respectivamente, até 12 meses, de 12 a 24 meses e 36 meses ou mais. Em contrapartida, apenas 21,1% dos que trabalham até um ano, na indústria de beneficiamento ganham de 2 a 4 salários mínimos, contra 31,8%, 55,5% e 55,1%, respectivamente, dos que trabalham até 12 meses, de 12 a 24 meses e 36 meses ou mais. De 4 a 10 salários mínimos, percebem 8,1% daqueles que trabalham 36 e mais meses. Nas outras categorias, esse percentual oscila entre 1,4 e 2,3% (Tabela 13).

Tabela 13 – Rendimentos salariais segundo o tempo de emprego dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz (2011)

Faixas de salário mínimo			
Tempo de emprego	Até 2 Salários Mínimos	De 2 a 4 Salários Mínimos	De 4 a 10 Salários Mínimos
Ate 12 meses	77,3	21,1	1,6
De 12 a 24 meses	66,8	31,8	1,4
De 24 a 36 meses	42,2	55,5	2,3
De 36 meses ou mais	36,7	55,1	8,1
Total	61,9	34,4	3,7

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Existem desigualdades significativas no mercado de trabalho do setor de beneficiamento do arroz. Assim, mulheres e jovens percebem salários relativamente menores que homens e que trabalhadores das faixas de idade superiores, respectivamente. Os contratos de trabalho com menos horas (que são a minoria) também supõem menores rendimentos salariais. A escolaridade começa a ser um elemento de diferenciação em uma força de trabalho que passa a ser cada vez mais educada. Finalmente, o tempo de emprego é outro elemento de diferenciação salarial. Este aspecto estaria indicando a existência de mercados internos de trabalho (já mencionados anteriormente) com carreiras que definem qualificações e rendimentos salariais. Quanto mais tempo o trabalhador permanece empregado na indústria mais probabilidade ele tem de aumentar seus rendimentos.

2.3 As desigualdades em relação à estabilidade no emprego

Nesta subseção analisa-se a estabilidade no emprego na indústria de beneficiamento do arroz em relação a três variáveis. Observa-se, novamente, o comportamento de variáveis como sexo, idade e escolaridade, mas agora em relação ao trabalhador ter ou não estabilidade no emprego, o que poderia estar indicando uma

relação mais instável de emprego em determinadas categorias sociais. O contrato mais recente (último ano da série) indica uma maior probabilidade de instabilidade, visto que ano a ano cresce o número de trabalhadores que se encontram nessa situação.

Na tabela 14 pode observar-se que 58,2% dos homens e 42,4% das mulheres trabalham há mais de um ano na empresa. Em contrapartida, 57,6% das mulheres contra 41,8% dos homens foram contratados no último ano.

Estabilidade		
Sexo	Trabalhadores contratados de forma permanente	Trabalhadores contratados no ano 2011
Masculino	58,2	41,8
Feminino	42,4	57,6
Total	57,7	42,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Isso, de um lado, corrobora que os homens mantêm um maior tempo de permanência dentro da indústria, enquanto que as mulheres têm ingressado em época mais recente. Aliás, como vimos anteriormente, ainda o percentual de mulheres na área de produção é baixíssimo.

Na tabela 15, detectam-se mudanças nas relações entre idade e contratos novos ou mais antigos. Entre os trabalhadores contratados de forma permanente, temos 42,8% dos jovens, 64,7% dos que possuem idades intermédias e 79,7% dos mais velhos. Já entre os trabalhadores contratados no último ano, temos 57,2% dos mais jovens, 35,3% do segundo grupo de idade e só 20,9% dos mais velhos. Os jovens começam, então, a ter uma presença na indústria, ainda que em um quadro de maior instabilidade.

Tabela 15 – Estabilidade no emprego segundo Faixas de Faixas de idade dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz

Estabilidade		
Faixas de idade	Trabalhadores contratados de forma permanente	Trabalhadores contratados no ano 2011
15-29	42,8	57,2
30-49	64,7	35,3
50 e mais	79,1	20,9
Total	57,7	42,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

A tabela 16 registra as relações entre nível de escolaridade e contrato mais recente ou mais antigo. Comparativamente entre os trabalhadores contratados há mais tempo o grupo dos que possuem ensino médio completo é mais forte (61,3%) seguido de ensino fundamental completo (57,8) e universitário incompleto ou completo (56,7%). Entre os trabalhadores contratados no último ano da série estudada, é mais forte comparativamente o estrato dos trabalhadores com ensino médio incompleto (49,7%) seguido dos que cursaram estudos universitários (43,3%) e dos que possuem Ensino Fundamental Completo (42,2%). Esperaríamos que no estrato dos trabalhadores contratados recentemente tivesse mais força relativa o estrato de trabalhadores com ensino médio completo, mas isso não se verifica.

Tabela 16 – Estabilidade no emprego segundo Níveis de Escolaridade dos trabalhadores de produção do setor de beneficiamento do arroz

Estabilidade		
Nível de escolaridade	Trabalhadores com estabilidade	Trabalhadores contratados no ano 2011
Até Ensino Fundamental completo	57,8	42,2
Ensino médio incompleto	50,3	49,7
Ensino Médio Completo	61,3	38,7
Ensino universitário incompleto e completo	56,7	43,3
Total	57,7	42,3

Fonte: RAIS/MTE-PDET.

Das variáveis analisadas nesta seção, conclui-se que nas contratações mais recentes (caracterizadas por uma forte instabilidade, visto que ano a ano cresce o contingente de trabalhadores que estão na indústria há, no máximo, um ano) a idade é aquela que tem um comportamento mais nítido. Isto é, comparativamente no conjunto das novas contratações é onde mais estão presentes os mais jovens. No caso das mulheres existem diferenças, estando mais presentes relativamente, nas novas contratações quando se compara com o conjunto dos trabalhadores que tem mais tempo na indústria. Entretanto, essa análise não pode desconhecer o baixíssimo percentual de mulheres empregadas, ainda, na indústria de beneficiamento do arroz. Observou-se, em suma, nesta seção que o quadro de instabilidade no trabalho, configurado na indústria de beneficiamento do arroz, no período recente, está associado relativamente mais a algumas categorias, notadamente mulheres e jovens.

Considerações finais

A produção do arroz tem passado por mudanças importantes no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul, nos últimos anos. Apesar das dificuldades de inserção em uma economia mundializada, com políticas de abertura comercial e de desregulamentação dos mercados e com a atuação de importantes *players globais*, o setor vem crescendo ano após ano.

No que diz respeito ao estado gaúcho, em poucos anos, passou a produzir, praticamente, duas terças partes de todo o arroz elaborado no Brasil. Nas últimas décadas, aliás, são notórios o crescimento da produtividade e a modernização da indústria de beneficiamento.

Quando olhamos para os dados de evolução e características do mercado de trabalho, da indústria de beneficiamento do arroz, encontramos um cenário multifacetado do trabalho.

Em primeiro lugar, um crescimento significativo, nos últimos anos, do número de trabalhadores.

Em segundo lugar, um forte quadro de instabilidade, aumentando significativamente os contratos com trabalhadores novos e diminuindo, conseqüentemente, o percentual de trabalhadores com mais tempo na indústria. Isto coloca fortes dúvidas sobre o fato das vantagens das mudanças econômicas serem transferidas para os trabalhadores. Um setor econômico que cresce, no mercado interno e internacional, vai acompanhado, concomitantemente, de se manter a tendência encontrada, cada vez mais de trabalhadores que tem uma relação de instabilidade com o seu emprego. Tem se comprovado, aliás, que instabilidade está relacionada com precarização, isto é com menor proteção social.

Em terceiro lugar, o crescimento do setor do arroz, no estado do Rio Grande do Sul, parece não vir acompanhado de uma melhora econômica para os trabalhadores industriais, pois cresce, concomitantemente, o percentual de trabalhadores localizados nas faixas de menores rendimentos salariais. Esta tendência, contudo, precisa ser avaliada com cuidado devido ao aumento no poder aquisitivo do salário mínimo nos últimos anos.

Em terceiro lugar, cabe ressaltar o peso de variáveis como sexo, idade, escolaridade e tempo de emprego para compreender a dinâmica do mercado de trabalho no setor de beneficiamento do arroz sul-riograndense.

Em quarto lugar, trata-se de um setor fortemente masculinizado, por razões particularmente culturais, que muda seu rosto em termos de rejuvenescimento e escolaridade.

Em quinto lugar, detectam-se desigualdades marcantes em termos de rendimentos, principalmente em relação às mulheres (representam uma minoria e recebem rendimentos mais baixos) e aos jovens (que aumentam significativamente sua presença, o que não se reflete nos rendimentos salariais).

Em sexto lugar, esse quadro de desigualdade agrava-se quando devido ao fato do percentual de mulheres e jovens estar mais presente nos contratos novos (que ano a ano aumentam relativamente), ao se comparar esse valor com a representação dessas categorias na força de trabalho que tem mais tempo na indústria.

Em sétimo lugar, para compreender o funcionamento do mercado de trabalho, no setor em estudo, é importante acrescentar informações qualitativas. Por exemplo, temos evidenciado a partir de outras pesquisas que a presença ínfima das mulheres deve-se a fatores culturais mais do que à natureza das tarefas. Também, notamos, com dados de entrevistas qualitativas, a forte presença (particularmente em uma importante empresa industrial do setor arroseiro) de mercados internos de trabalho que determinam postos de trabalho com qualificações e rendimentos desiguais. Isso em parte estaria explicando, por exemplo, as diferenças salariais entre os mais jovens e os mais velhos, pois o tempo de emprego é um fator central na passagem por esse mercado de trabalho interno.

Informações qualitativas também permitiriam captar qual é a natureza da instabilidade, que ano após anos se instala na indústria de beneficiamento do arroz, a que em boa medida poderia ser explicada pelo aumento dos trabalhadores em condições de “safristas perpétuos”, recontratados uma e outra vez, sem oferecimento de uma condição mais estável. Por sua vez, esse tipo de dados permitiria captar também o grau de flexibilidade dos contratos de trabalho, os que geralmente vêm acompanhados de uma menor proteção social.

A análise do mercado de trabalho, no setor de beneficiamento do arroz, no estado do Rio Grande do Sul, coloca questões pertinentes sobre as transformações do trabalho no início do século XXI. Embora possa se argumentar que, na verdade, se trata de uma região periférica do Brasil e do mundo, as características e mudanças que encontramos não são tão diferentes das encontradas em outras regiões e, mesmo, países.

Cabe destacar que a evolução do mercado do trabalho (crescimento, rejuvenescimento, escolarização) é semelhante à encontrada na evolução geral do mercado de trabalho brasileiro, no último período. Além disso, nota-se que desigualdades encontradas em outros estudos se verificam, também, ao analisar um setor específico, como o do beneficiamento industrial do arroz. Mulheres e jovens representam situações de risco também no caso estudado aqui, como tem sido verificado para o conjunto do mercado de trabalho brasileiro, particularmente o urbano.

Em termos gerais, as mulheres continuam tendo obstáculos de inserção bem como instabilidade nos empregos, já os mais jovens apesar de uma maior inserção, vivenciam dificuldades de permanência no mercado de trabalho. Esses segmentos são efetivamente os mais vulneráveis no mercado de trabalho da indústria de beneficiamento do arroz, colocando um forte questionamento ao crescimento observado recentemente.

Bibliografia

AQUILES, Affonso Cardoso. O Setor de Telecomunicações do Brasil. Tendências Gerais e Empresas-Espelho. Pelotas. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas. 2011.

AYRES, Alberto José; DOS SANTOS, Pedro Baptista; DE SOUZA, Osmar Tomaz; ALVIM, Augusto Mussi. Indústria Arrozeira no Rio Grande do Sul: notas sobre a localização da atividade e a estrutura produtiva. In: *5º Encontro de Economia Gaúcha*. 27 e 28 de maio de 2010. PUCRS. Porto Alegre.

BORGES, Ângela. As novas configurações do mercado de trabalho urbano no Brasil: notas para discussão. Cadernos CRH. Salvador. V. 23. Set-Dez. 2010.

CAMIL compra produtora de arroz na Argentina. Disponível em: <http://www.planetaarroz.com.br/site/noticias_detalhe.php?idNoticia=12113>. 2013. Acesso em: 10 agosto 2013.

CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Séries Históricas. 2013. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=>>. Acesso em: 10 agosto 2013.

FAO. Principales países productores de arroz. 2008. Disponível em: <www.fao.org>. Acesso em: 20 maio 2011.

FINAMORE, Eduardo B.; MONTOYA, Marco A. Performance e dimensão econômica do complexo arrozeiro gaúcho. In: *XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural*. Ribeirão Preto, 2005.

LISBOA, Rodrigo da Silva; BREITENBACH, Raquel; ARBAGE, Alessandro. P. Como sobreviver e crescer num mercado competitivo: análise das estratégias de uma empresa processadora de arroz. In: *47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Porto Alegre, 26 a 30 de Julho de 2009.

LUDWIG, Vanelli Salati. *A agroindústria processadora de arroz: um estudo das principais características organizacionais e estratégicas das empresas líderes gaúchas*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MIRANDA, Silvia de; SOUZA E SILVA, Gustavo; MOTTA, Maria A.; ESPÓSITO, Hirina. O Sistema Agroindustrial do Arroz no Rio Grande do Sul. In: *XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Londrina, 22 a 25 de julho de 2007.

MIRITZ, Luciane Dittgen. *Diferenciação e diversificação na agroindústria arrozeira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

RELAÇÃO DE INFORMAÇÕES ANUAIS (RAIS). Brasília: Ministério de Trabalho e Emprego. 2003-2011.

ROBERTT, Pedro. Para uma sociologia do trabalho das cadeias agroindustriais. In: SCHULZ, Rosângela (Org.). *Ensaio de Sociologia e Política*. 1 ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2010, v. , p. 203-227.

ROBERTT, Pedro; FREITAS, Fernando. Transformações na indústria de beneficiamento do arroz e diferenciação social entre os trabalhadores. Inédito. Será apresentado no “XXIX Congresso Associação Latino Americana de Sociologia”. ALAS. Santiago de Chile, 29 de setembro al 4 de outubro de 2013.

STEFÁNO, Nara (2009). Indústria arrozeira do Rio Grande do Sul: desempenho de mercado. Revista de política agrícola. Ano XXIII. No. IV. Out. Dez. 2009. pp. 79-87.